

Grafismos Indígenas: estética, significados e expressões¹

Liandre Deolinda Coutinho de Souza²
Camila Leite de Araújo³
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

RESUMO

O presente estudo busca investigar a diversidade que abarca os grafismos indígenas, tendo como objeto central a comunidade Parque das Tribos, localizada na zona oeste de Manaus, a capital do Amazonas. Assim, propõe-se explorar a importância destas manifestações gráficas como forma de manutenção cultural, documentando alguns dos grafismos, e dos significados, que podem ser encontrados na comunidade. Para tal, utiliza-se o levantamento biográfico e a revisão de literatura, seguidos da pesquisa etnográfica e análise crítica do material coletado. Como resultados, reafirma-se a importância das diversas manifestações culturais no estado.

PALAVRAS-CHAVE: grafismos indígenas; comunicação; fotografia; Parque das Tribos.

INTRODUÇÃO

No Amazonas, há diferentes comunidades tradicionais inseridas em contextos históricos de lutas, conquistas e resistência. Nesse contexto, Cerqueira (2023) afirma que a presença da opressão colonialista ainda é muito forte nacionalmente, o que interfere na totalidade das formas e manifestações culturais. Tal panorama afeta diretamente o cotidiano de pescadores artesanais, seringueiros, ribeirinhos, quilombolas e tantos outros que fazem parte da composição social do país.

Sob esta perspectiva, é notável que os povos indígenas foram vitimados por um silenciamento histórico e por uma série de estereótipos associados a eles. Em contrapartida, de acordo com a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT), os povos indígenas possuem formas próprias de organização, utilizando os territórios e recursos naturais a partir de práticas transmitidas pela tradição.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Políticas, Estéticas e Técnicas Imagéticas, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Recém-graduada em Jornalismo pela FIC-UFAM, email: <liandresouza.coutinho@gmail.com>.

³ Orientadora do trabalho, Professora do Curso de Jornalismo da FIC-UFAM, email: <camilaleite@ufam.edu.br>.

É o caso do Parque das Tribos, localizado no bairro Tarumã, Zona Oeste de Manaus (capital amazonense). A comunidade é considerada o maior conglomerado de indígenas em área urbana do Brasil atualmente e também é o primeiro bairro indígena de Manaus. Segundo as lideranças locais, cerca de quatro mil indígenas moram no espaço, com quase vinte idiomas falados e mais de trinta povos, tais como Apurinã, Tikuna, Munduruku, Mura e Sateré-Mawé. Desse modo, a comunidade busca servir como referência nacional de centro multiétnico, de modo a fortalecer as tradições e os saberes ancestrais, em sua pluralidade, que enfrentam desafios específicos no contexto urbano.

Fernandes (2018, p. 68) destaca que “os jovens indígenas, quando chegam à cidade, de modo geral, não preenchem suas expectativas em relação a ela”. Segundo o autor, os saberes ancestrais geralmente não são compreendidos e valorizados na cidade - e mesmo os próprios indígenas são tratados com desdém e preconceitos. “E para se sustentar a si e sua família passam a trabalhar com e como os brancos” (Fernandes, 2018, p.68). Assim, observa-se a importância de um espaço multiétnico e de saberes plurais para os indígenas que vivem em contexto urbano, valorizando também os sistemas de comunicação próprios de cada etnia - como os grafismos.

Ademais, as linguagens que permeiam tais sistemas são plurais e podem ser trabalhadas de diferentes formas - afinal, a comunicação compreende inúmeras possibilidades em sua concepção e realização. E os grafismos indígenas, por sua vez, carregam séculos de história, tradições e saberes ancestrais, assim como possuem mensagens e sentidos próprios.

As pinturas podem indicar estado civil ou a posição hierárquica na comunidade, servir como mecanismo de proteção ou fortalecimento (físico ou espiritual), ser um adorno para festejos e etc. Mesmo que tais elementos não sejam culturalmente próprios de todas as etnias, destaca-se ainda o compartilhamento de saberes e significações, além da importância do relacionamento com os materiais dos quais as tinturas são extraídas.

Logo, é possível aferir que os grafismos indígenas são mais que uma forma de expressão artística, pois constituem um sistema complexo de comunicação. E o presente estudo busca explorar a importância destas manifestações gráficas, investigando os significados expressivos e documentando alguns dos grafismos que podem ser encontrados na comunidade Parque das Tribos, em Manaus.

Este trabalho é resultante de um Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Cnpq) e pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Como resultados, espera-se confirmar o potencial dos grafismos indígenas como um sistema de comunicação relevante para a manutenção dos saberes e tradições indígenas, especialmente no contexto urbano, e que tais expressões são patrimônios imateriais para os âmbitos social, cultural, ambiental e científico - a nível nacional.

METODOLOGIA

O presente estudo parte de uma abordagem interdisciplinar e participativa, estrategicamente delineada para permitir uma compreensão abrangente sobre o tema. Assim, os procedimentos metodológicos que estruturam este trabalho são:

- (1) levantamento biográfico e revisão da literatura acerca dos grafismos indígenas no Amazonas;
- (2) pesquisa etnográfica, etapa voltada para a coleta de relatos e observação participante no Parque das Tribos, para compreender a importância do grafismo em seu contexto social e cultural. Nesta etapa, também destaca-se o cruzamento entre as teses defendidas nos textos acadêmicos e os depoimentos dos indígenas que vivem na comunidade;
- (3) análise crítica de todo o material coletado, propondo uma contextualização histórica e analítica das representações midiáticas e acadêmicas sobre os povos indígenas, visando desconstruir estereótipos e promover uma visão mais plural e respeitosa.

Tais ações possibilitam um entendimento mais profundo das práticas culturais e dos papéis do grafismo na vida cotidiana e das tradições das comunidades indígenas. Especialmente graças aos relatos, entende-se que é possível complementar a análise visual do grafismo, fornecendo *insights* sobre os significados simbólicos, as técnicas de produção e a importância cultural do grafismo para as comunidades indígenas. Logo, a metodologia proposta visa integrar abordagens qualitativas e participativas para proporcionar uma compreensão abrangente do tema.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A comunicação compreende inúmeras possibilidades em sua concepção e realização, produzindo sistemas de informação com mensagens e sentidos próprios. As linguagens que permeiam tais sistemas são, igualmente, plurais e podem ser trabalhadas de diferentes formas. É, por exemplo, o caso dos grafismos indígenas, que carregam séculos de história, tradições e saberes ancestrais.

Tais elementos simbólicos são permeados por referências às vivências cotidianas das etnias indígenas, considerando diferentes aspectos - culturais, ambientais e etc. Os grafismos podem ser realizados em objetos cotidianos ou na própria pele, com as tintas produzidas a partir de jenipapo ou urucum (espécies nativas da flora local). Nesse sentido, é possível aferir que eles são mais que uma forma de expressão artística, pois constituem um sistema complexo de comunicação.

Este intrincamento simbólico está diretamente relacionado à linguagem humana e à variedade de formas de comunicação que foram registradas ao longo da história. Sob este viés, Berlo (2003) explica que a linguagem é um sistema e compreende elementos e estruturas que não têm sentido em si. Para o autor, “o significado não é coisa que se possa descobrir” e “as palavras de fato não querem dizer coisa alguma [...]. Alegar-se-á que as significações estão nas pessoas [...]. Os sentidos são apreendidos” (Berlo, 2003, p.184).

Em outras palavras, tudo aquilo a que pode ser atribuído significado, é ou pode ser utilizado na comunicação. Ademais, Santaella (2008, p.X) esclarece que “somos simbólicos. Falamos e gesticulamos. E isso nos faz humanos”. Sumariamente, as palavras, as imagens e mesmo a estrutura da linguagem, não têm sentido em si. Estas são significadas a partir das vivências das sociedades humanas, considerando aspectos como a pluralidade e a subjetividade própria de cada grupo social.

Desse modo, entende-se que toda operação de produção de sentido é uma função complexa e mesmo a linguagem, como tem sido usada pelos povos através dos tempos, é um processo. Sob esta perspectiva, os grafismos indígenas destacam-se como uma prática milenar que compõe um sistema de comunicação entre os povos e a natureza. Segundo a antropóloga Cerqueira (2023):

O Grafismo é a arte dos povos indígenas para se apresentar em diversas formas buscando a suas referências no meio que vivem [...]. O grafismo traduz a identidade originária

etnocultural dos povos essa arte está presente no nosso dia a dia em diversas forma e cor, nas linhas da música, linha reta, curva, quebrado ou mista sempre o grafismo vai está presente nos cestos nas cerâmicas indígenas e não indígenas. O grafismo faz parte do nosso corpo ancestral, ele está presente nos cantos, nos sons, nas toadas, nas danças e nos ritos sagrados [...]. (Cerqueira, 2023, p.69)

A autora também explica que os grafismos têm, entre os seus objetivos, “esclarecer às sociedades indígenas que cada povo pode e deve ser reconhecido na igualdade social como ser humano” (Cerqueira, 2023, p.66). Afinal, estes carregam séculos de história, tradições e saberes ancestrais. Assim, pode-se afirmar que os grafismos são um importante meio para promover a preservação da diversidade cultural dos povos indígenas, assim como a memória coletiva de várias etnias.

Logo, os grafismos se relacionam diretamente com fatores histórico-culturais que vão além dos saberes tradicionais. Por isso, pode-se afirmar que tais elementos gráficos detém relevância tanto em contextos indígenas quanto não-indígenas, pois revelam a sociobiodiversidade brasileira. Não obstante, os grafismos são o que Cerqueira (2023) considera como uma forma de resistência.

Tendo em vista o histórico de lutas e resistência dos povos indígenas, os grafismos remontam a riqueza e a diversidade dos aspectos histórico-culturais dessas comunidades. Por isso, dar destaque para tais expressões, no meio acadêmico, pode proporcionar novos olhares sobre as histórias, tradições e saberes ancestrais. Destarte, estes elementos gráficos são um elemento importante da sociobiodiversidade brasileira e não se resumem a expressões artísticas, simbólicas e comunicacionais.

Considerando o exposto, entende-se que estudar os grafismos indígenas é buscar uma nova perspectiva sobre os âmbitos social, ambiental e científico, visto que estes revelam a interconexão secular entre cultura e meio ambiente. Ademais, a partir da pesquisa sobre os grafismos, é possível explorar temas como identidade cultural, simbolismo, linguagem visual e transmissão cultural. Consequentemente, desenvolvem-se novos conhecimentos sobre os campos de estudos da antropologia, etnografia e história da arte.

PRINCIPAIS RESULTADOS

O desenvolvimento desta pesquisa tem como principais resultados o levantamento bibliográfico seguido de uma análise crítica do material coletado,

conforme apresentado no tópico anterior, além da documentação visual da riqueza e diversidade dos grafismos indígenas presentes no Parque das Tribos.

Imagem 1. Jovem da etnia Tukano fazendo grafismo corporal utilizando tinta de jenipapo e palha de coqueiro.



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Imagem 2. Grafismo da borboleta em uma das colunas de uma construção, sinal de notícias positivas, ou não, e proteção contra eventos negativos.



Fonte: Acervo pessoal (2024).

Imagem 3. Representação da história de três pescadores que estavam perdidos e se depararam com uma grande cobra no meio do rio. Segundo a narrativa, os homens fizeram um encanto e pediram que o animal se transformasse em uma canoa.



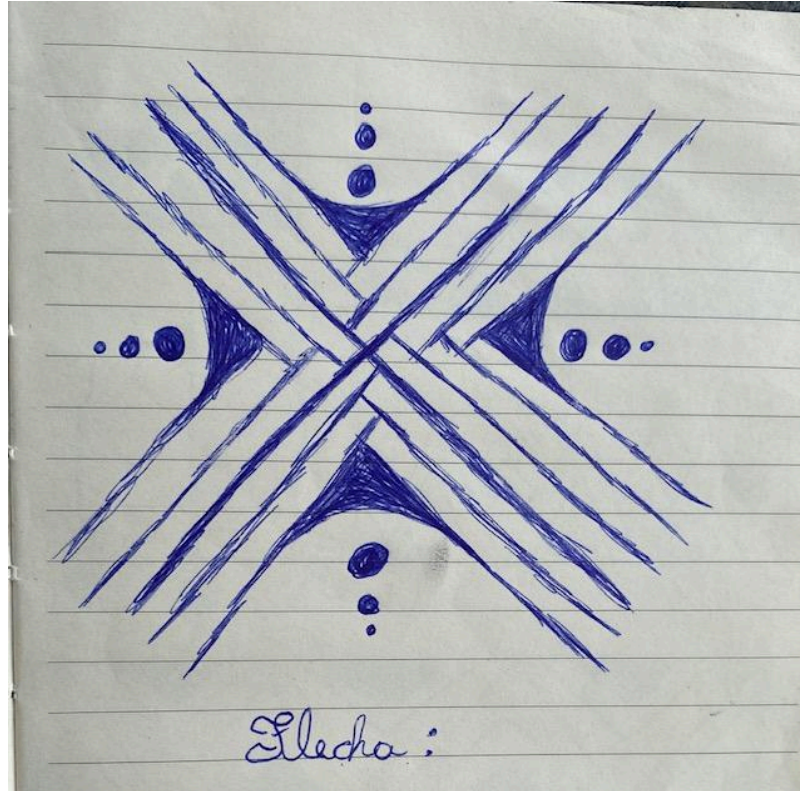
Fonte: Acervo pessoal (2025).

Imagem 4. Preparação da tinta de jenipapo em uma cuia.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Imagem 5. Grafismo das Sete Flechas do povo Mura, representando proteção e resistência, um símbolo das lutas que a etnia enfrentou em um longo histórico de estigmas, massacres e perdas demográficas e culturais.



Créditos: Marcelo Tukano (2025).

A partir do exposto, entende-se que a análise visual do grafismo fornece *insights* sobre os significados simbólicos, as técnicas de produção e a importância cultural desses elementos para os indígenas que vivem em contexto urbano. Além disso, também tem relação direta com a preservação e promoção dos saberes tradicionais.

CONCLUSÃO

É possível afirmar que os procedimentos metodológicos descritos neste trabalho demonstram as potencialidades dos fazeres jornalísticos e fotográficos. Tais propriedades não se limitam ao registro documental pois, de certa forma, também conseguem dialogar com as diferentes realidades constituintes da capital amazonense. A exemplo de Fernandes (2018), é o caso da coexistência entre o moderno e o antigo, as práticas tradicionais e as folclóricas, que são realizadas com outros objetivos por aqueles que vivem na cidade.

Nesse sentido, considerando a relevância nacional do Parque das Tribos, este é muito visado. Porém, segundo as lideranças locais, as representações acerca da comunidade raramente abarcam as atividades culturais ou a riqueza étnica própria de tal espaço. Desse modo, é necessário pensar o meio acadêmico como uma ferramenta estratégica para a promoção de saberes tradicionais e da diversidade de símbolos produzidos socialmente - seja em contexto urbano ou não. Em outras palavras:

Quando nós vamos estudar essas obras produzidas pelos pesquisadores não indígenas, nós temos que reescrever do jeito como os nossos sábios (avós) falam de nossos conhecimentos, com seus próprios nomes e com as próprias formas de expressar. Esse trabalho precisa ser feito também dentro da Universidade. Assim os outros nos reconhecerão como diferentes e possuidores de conhecimentos próprios e com diferentes modos de viver. Esses conhecimentos precisam ser apropriados por nós, para que sejamos conhecedores de nossas culturas e suas riquezas (Fernandes, 2018, p.81-82).

Tendo em vista o histórico de lutas e resistência dos povos indígenas, os grafismos remontam a riqueza e a diversidade dos aspectos histórico-culturais dessas comunidades. Isto foi evidenciado pelas contribuições das fontes entrevistadas, que também relataram o interesse por mais espaços para tratar do tema. Destarte, estes elementos gráficos são um elemento importante da sociobiodiversidade brasileira. Afinal, segundo Lage (1979):

A realidade é múltipla, simultânea. A língua, linear e sequencial. A realidade é infinita em seus aspectos perceptíveis e, ainda quando esgotados os recursos de um observador a olho nu, mecanismos, como a câmera lenta, os efeitos de iluminação, o estudo de radiações, as lentes e os gravadores sensíveis permitem ampliar ilimitadamente o número de dados, para além da capacidade humana de estruturá-los (Lage, 1979, p.66).

Por fim, entende-se que dar destaque para expressões como os grafismos, no meio acadêmico, pode proporcionar novos olhares sobre as histórias, tradições e saberes ancestrais do país. Desse modo, é possível explorar os diferentes aspectos metalinguísticos e polissêmicos que constituem a sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

AFONSO, G. B. O céu dos índios do Brasil. In: **Anais da 66ª reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência**. Rio Branco: Universidade Federal do Acre (UFAC), 2014.

ANDUJAR, C. **A Luta Yanomami**. Disponível em: <<https://ims.com.br/exposicao/>>. IMS Rio - Instituto Moreira Salles, 2019. Acesso em 14 de ago. de 2024.

BANIWA, G. L. PROTEÇÃO E FOMENTO DA DIVERSIDADE CULTURAL E OS DEBATES INTERNACIONAIS – A ÓTICA DOS POVOS INDÍGENAS. In: **Grafismo Indígena: Estudos da Antropologia Estética**. Disponível em: <<http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/palestras.pdf>>. Acesso em 10 de ago. de 2024.

BARBALHO, C. R. S.; VALE, M. M.; MARQUEZ, S. O. M. **Metodologia do trabalho científico: normas para a construção de trabalhos acadêmicos**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA), 2017. Disponível em: <<https://edoc.ufam.edu.br/pdf>>. Acesso em 20 de dez. de 2024.

BARTHES, R. A mensagem fotográfica. In: **Barthes - O Óbvio e o Obtuso**. (ps. 11-25). Tradução: Léa Novaes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERLO, D. K. **O processo da comunicação: introdução à teoria e à prática**. 10ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Ministério do Meio Ambiente. **Cartilha da CNPCT**. Brasília. Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/aceso_informacao/povos_comunidades_tradicionalis/II_encontro/Cartilha%20CNPCT.pdf>. Acesso em 13 de nov. de 2024.

CAPA, R. **Robert Capa: Photographs**. Vincenza: Aperture, 1996.

CERQUEIRA, P. P. **A música na visão de uma mulher Kukama: Antropologia, Arte e Resistência**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2023.

DIZARD JR., W. **A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação**. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FERNANDES, J. M. **GAAPI - Elemento fundamental de acesso aos conhecimentos sobre esse mundo e outros mundos**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2018.

KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LAGE, N. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis: Vozes, 1979.

MORIYAMA, D. **Journey For Something**. Amsterdã: Reflex Editions, 2012.

NOGUEIRA, C. **CENTROSO 092**. 1ª imp. Curitiba: Artisan Raw Books, 2020.

SALLES, A. **Revista Life: fotorreportagem e as relações com a cinematografia**. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2018.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SONTAG, S. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1983.

VIDAL, L. (org.). **Grafismo indígena: estudos de antropologia estética**. 2ª ed. São Paulo: Studio Nobel, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2000.